



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

Um novo olhar sobre a Vila Pinto

Denise Schaun Brose

denisebrose@gmail.com

SENAC-EAD/RS /ossilva@senacrs.com.br

FURG-RS/mea@furg.br

Resumo

Mediante o índice de crescimento da população e de ações que degradam a Vila Pinto, percebe-se que se faz necessário um trabalho de sensibilização e conscientização ambiental na comunidade. A formação desta consciência poderá iniciar com um programa de Educação Ambiental voltado para os jovens, numa tentativa de mostrar a importância de preservar o Meio Ambiente. Este aprendizado visa à formação de valores como respeito, ética e responsabilidade social e a construção de uma nova visão sobre a Vila Pinto.

Palavras-chave: Sensibilização; Comunidade; Educação Ambiental; Socioambiental.

Área Temática: Educação Ambiental Não formal

1 Introdução

A Vila Pinto, localizada no Bairro Bom Jesus, zona leste da cidade de Porto Alegre, entre as avenidas Protásio Alves, Ipiranga e Antônio de Carvalho, no Rio Grande do Sul, é uma comunidade em crescente índice demográfico. A Vila Pinto, juntamente com as Vilas Divinéia e Nossa Senhora de Fátima, integram a região conhecida por “Grande Mato Sampaio” que, compreende uma população estimada em 30.000 habitantes, segundo dados do IBGE (2002).

A região do grande Mato Sampaio é conhecida como um dos bolsões de miséria da cidade de Porto Alegre, apresentando: alto índice de adolescentes envolvidos na criminalidade; homicídios de jovens entre 14 e 21 anos; incidência de exploração sexual infantil, portadores do vírus HIV; famílias com renda de um salário mínimo e nível de escolaridade até a quarta série do ensino fundamental.

Pelos dados disponibilizados em reunião do Orçamento Participativo (OP), (2006), a população da Vila Pinto é de 11.000 habitantes e 60% das famílias garantem seu sustento com os resíduos coletados e separados, sendo posteriormente vendidos como material reciclável. Observa-se que esta prática também é desenvolvida por crianças e adolescentes.

O centro de Educação Ambiental (CEA) se subdivide em dois segmentos operacionais: o Centro de Triagem de lixo que proporciona geração de trabalho e renda e o Centro Cultural James Kulisz, (CEJAK), que oferece atividades culturais, lazer, esporte e qualificação profissional, estabelecendo-se assim uma interligação entre os dois segmentos, sendo que parte dos recursos financeiros obtidos na reciclagem de resíduos auxilia as ações do CEJAK.

O trabalho que vem sendo realizado no Centro de Educação Ambiental (CEA), uma organização sem fins lucrativos, busca nas vivências dos jovens o despertar da percepção dos problemas da comunidade local numa visão crítica de suas causas e suas inter-relações.

Como professora voluntária de Educação Ambiental já participei de atividades no CEJAK do CEA e convivendo com a comunidade pude perceber que uma prática voltada para o lúdico me aproxima desta população e com sua realidade.



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

A Metodologia que utilizo consiste em exibições de Power Point com o tema proposto no dia e com o registro fotográfico do local onde ocorre o problema, intercalando perguntas e respostas da turma. Logo, para que haja uma sensibilização trabalha-se o tema com oficinas de arte como: desenhos, histórias em quadrinho, fantoches diversos, interpretações teatrais, sempre partindo da criança a construção da mensagem a ser passada. Utilizamos a internet para pesquisar o conteúdo dado e assim podemos ampliar seus horizontes.

Em observações durante o período que trabalho como educadora ambiental no CEJAK, constatei que eles convivem em grupos, criando a sua própria cultura e seguindo os passos do líder, que na maioria das vezes observo uma tendência para ações negativas.

As estratégias de ensino/aprendizagem que utilizo precisam se diferenciar da escola formal, pois as dinâmicas devem ser atrativas para que ocorra a participação efetiva do grupo e de construção coletiva, por exemplo, cito como parte integrante do trabalho de sensibilização a elaboração de uma cartilha de Educação Ambiental pelos jovens, do Centro de Educação Ambiental.

Acredito que o aprendizado ambiental fortalecerá a construção permanente da Educação Ambiental e a promoção de um ciclo de informações e práticas na busca da construção do conhecimento. Portanto, torna-se importante estabelecer uma relação entre a comunidade e os problemas socioambientais, incentivando a tornarem-se não só monitores ambientais, mas sujeitos que intervêm e ajudam na construção de uma nova sociedade baseada na sustentabilidade Ecológica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Oportunizar a inclusão social por meio da participação em atividades socioculturais, no Centro de Educação Ambiental (CEA), numa tentativa de promover a formação da consciência ambiental na comunidade da Vila Pinto.

2.2 Objetivos Específicos

- Executar ações ambientais que sirvam de modelo na comunidade e propiciem uma vivência social saudável;
- Despertar valores éticos e morais que contribuam para a compreensão da realidade e sua transformação;
- Formar valores que possam desenvolver a cidadania e a responsabilidade social;
- Formar um cidadão crítico e que saiba se posicionar em relação a uma nova visão de homem/mundo/sociedade;
- Desenvolver práticas pedagógicas a partir da realidade e da vivência do jovem



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

morador da Vila Pinto;

- Despertar a consciência de que é necessário cuidar e proteger o local onde constroem o seu próprio cotidiano;
- Envolver os jovens em ações que possam afastá-los da criminalidade, oportunizando assim uma melhor convivência na comunidade;
- Traçar parâmetros de convivência social e consciência ecológica, interseccionando o saber e a informação;
- Identificar os problemas ambientais locais e os relacionar com os mundiais;
- Reconhecer a necessidade de preservar o manancial do arroio, que corta a Vila, e suas encostas. Não vê-lo como um depósito de lixo ao ar livre;
- Relacionar as atividades diárias com as de preservação do meio em que vivem;
- Reconhecer a importância da separação dos resíduos para preservação do meio ambiente, para o processo de reciclagem e como uma forma alternativa de renda para a comunidade;
- Integrar a criança com as artes, através de oficinas de desenho e teatro;
- Difundir a prática da conservação do meio ambiente entre a comunidade, como oficinas de arte, palestras, visitas às áreas de risco.
- Despertar a consciência quanto ao ambiente natural da Vila, incentivando o plantio de hortaliças, a arborização e a construção de jardins;
- Elaborar com os jovens uma cartilha de conservação do meio ambiente.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este projeto visa à implantação de um programa de Educação Ambiental que sensibilize os jovens do seu papel no futuro do planeta. O Centro de Educação Ambiental (CEA) vem ao encontro da nossa opção de educação não-formal, pois conforme o artigo primeiro e décimo terceiro da lei 9.795 de 27 de abril de 1999.

Art.1º - Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art.13 - Entende-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

Conforme os princípios divulgados pela UNESCO (1977, p.5-6) os direitos a integração social é igual para todos independendo das suas limitações. Baseado neste princípio que os jovens encontram no CEA direitos iguais de educação, assim aprendendo a conviver em grupo e construindo o saber participativo. Com a integração do jovem na sociedade procuramos demonstrar a sua responsabilidade pela qualidade de vida do seu entorno.

Segundo LAMPERT (2005) a exclusão trará à humanidade, a médio e longo prazo, consequências incalculáveis e, em curto prazo, aumentará a pobreza, a miséria, a desigualdade, a desobediência civil e a violência em todos os níveis e esferas.

Portanto, nossa missão é de mudar estas consequências, sensibilizando e promovendo a inclusão socioambiental do jovem.

Nas oficinas de Educação Ambiental, informal, procura-se diminuir a exclusão social com um processo contínuo de valorização do indivíduo para elaboração do saber. Agregando atitudes socioambientais, ecológicas e éticas de sensibilização e conscientização ambiental.

Machado et al Velasco, Amin (2006, p. 162-169) escrevem no artigo, “o encontro da política nacional de Educação Ambiental com a política nacional do idoso”, tema que pode ser estendido aos jovens também, pois a lei ambiental parte da seguinte realidade:

o ser humano constrói seus valores sociais, no entanto, o meio ambiente está ameaçado e é necessário que novos valores sejam reconstruídos; até agora apenas uma pequena parcela da sociedade se sente responsável pelo processo de mudança. Ter consciência das necessidades de preservar o meio ambiente pode expressar-se em dois níveis: o primeiro, internalizado, deve estar verdadeiramente inscrito na forma de pensar, e, consequentemente, na forma de agir. O indivíduo deve sentir-se ativo nas mudanças necessárias, saber que é importante mudar o comportamento em relação ao ambiente. No segundo, e que ocorre com a maioria das pessoas, o indivíduo sabe que os problemas ambientais existem, mas não se sente responsável por qualquer dano causado ao meio ambiente, achando que suas pequenas ações diárias não têm potencial para interferir na instabilidade ecológica global.

Com a convivência com os jovens da Vila Pinto percebo que muitos deles vão obrigados a escola, tendo nela o seu único modo de convivência na sociedade. Conforme LAMPERT (2005 apud XAVIER, 2004, p.35) citou:

[...] os jovens estão na escola não para aprender, eles não estão nem aí para o saber, mas para viver a cultura deles. Dentro da escola, organizam estruturas, inventam uma cultura e vivem essa cultura, que não é a da escola. A cultura escolar é o preço que pagam por essa realidade e essa sociabilidade própria da juventude. Os jovens, principalmente os de classe popular, têm o espaço escolar como únicos espaços de convivência. A escola é hoje o espaço de vivência para a juventude não contempla em outras estâncias pelas políticas públicas. A sociedade não tem, em sua organização, outros lugares próprios para a juventude nem para crianças.

O grupo de voluntários do CEA têm se esforçado para propiciar a cultura ambiental e afastar os jovens das influências que os aproximam da marginalidade, mas ainda não atingiram os objetivos que se propuseram, pois são muitos os fatores desfavoráveis, como, a cobrança de certos pais em relacionarem as atividades realizadas com trabalho infantil, não reconhecendo o trabalho do voluntariado. A forma de construir o saber tem de estar sempre apregoada à maneira que a família vai entender o que foi transmitido. Não pode haver cobranças, pelos professores, de tarefas. Geralmente a complementação de tarefas sugeridas para casa não são realizadas.



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

Já MEDINA et al SANTOS (2003, p. 12) diz que o pensamento ambiental na atualidade significa pensar de forma prospectiva e complexa, introduzir novas variáveis nas formas de conceber o mundo globalizado, a natureza, a sociedade, os seres humanos, de forma solidária e fraterna na procura de um novo modelo de desenvolvimento. A educação não pode permanecer alheia às novas condições de seu entorno, que exigem dela respostas inovadoras e criativas que permitem formar o cidadão crítico, reflexivo e participativo, apto para a tomada de decisões.

A garotada tem no Centro de educação Ambiental (CEA) o apoio para relacionar-se com uma nova visão do meio e como agente transformador do mesmo.

As formas de o ser humano se relacionar em sociedade e consigo próprio, conferir valores, sentidos e significados às suas ações, vivências e projetos, constituem uma de suas singularidades diante da natureza. “A capacidade de abstrair um elemento particular de um todo facilita ao *homo-sapiens-demens* debruçar-se sobre um determinado fenômeno e analisá-lo pacientemente”, LAMPERT (2005).

“Um novo olhar sobre a Vila Pinto”, confirma a idéia de LAMPERT (2005 apud MARCONDES, MENEZES, TOSSHIMITSU, 2003), que percebemos o mundo que nos cerca e acreditamos em tudo que vemos. E reagimos em função disso. Mas nem sempre percebemos que temos o poder de mudar esta realidade.

Percebo que o entretenimento básico deste público alvo é a televisão, onde o efeito emitido é o do consumismo. O jovem sonha com o que vê e usa as mais diferentes formas para obter o seu sonho de consumo.

Conforme LAMPERT (2005), televisão tem efeito hipnótico. Entende-se por esse efeito um torpor, uma indiferença, uma inércia, que toma conta do telespectador. A razão desse efeito se deve à forma como o homem percebe o mundo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), conforme MEDINA et al SANTOS (2003, apud MEC, 1996, p.13):

aprendizagem de valores e atitudes é pouco explorada do ponto de vista pedagógico. Há estudos que apontam a importância da informação de valores e atitudes. Conhecer os problemas ambientais e saber de suas consequências desastrosas para a vida humana é importante para promover uma atitude de cuidado e atenção a essas questões, valorizar ações preservacionistas e aquelas que proponham a sustentabilidade como princípio para a construção de normas que regulamentem as intervenções econômicas.

Ao proporcionar a inclusão social deste público estamos abrindo uma nova alternativa de mudança no futuro diminuindo assim as estatísticas da Fundação de Assistência e Cidadania (FAC), aportando elementos novos na formação destes jovens cidadãos, consequentemente mudando a visão de mundo e de personagens ativos deste processo fragmentado e desestruturado da sociedade.

Conforme MEDINA et al SANTOS (2003), a incorporação da prática de valores éticos ambientais exige que sejam exercitados, no próprio desenvolvimento do trabalho de capacitação: cooperação, solidariedade, responsabilidade consigo mesmo e com os outros, compromisso com a construção coletiva de uma nova racionalidade ambiental, alternativas de desenvolvimento sustentável com justiça social, aceitação das diferenças entre as pessoas e os grupos e respeito pelas suas opções.

Importante citar parte do manifesto escrito por José Lutzenberger (1977), incluso no texto básico do material do SENAC, (E-book, bloco IV, 2007, p. 224):

Fundamentalmente, a solução dos problemas ambientais está na educação. Mas a educação é um processo lento e demasiado lento para conter ainda a avalanche que se aproxima do estrondo. Já não podemos esperar que a próxima geração indique o novo rumo e repare os estragos. Se nada fizermos hoje, não lhes deixaremos chance para tanto. Que adianta ensinar



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

os jovens o amor a Natureza se, daqui a dez ou vinte anos quando a eles couber o poder da decisão, não mais existir natureza para salvar [...].

Esta tomada de consciência é fundamental, pois (SENAC, 2007) a partir do momento em que o individuo percebe sua relação com as questões que estão à sua volta é que surge uma efetiva participação, voltada para o exercício da cidadania e para a busca de uma melhor qualidade de vida.

4 METODOLOGIA

O programa de Educação Ambiental na Vila Pinto apresenta um planejamento a ser desenvolvido contínuo e permanente, onde os conteúdos são trabalhados de forma lúdica, sensibilizadora e crítica, sobre os principais problemas levantados e observados no ambiente em que os jovens vivem e abrindo espaços que possibilitem a comparação entre os problemas locais e os mundiais.

As estratégias a serem utilizadas constam de exposições virtuais com slides partindo para oficinas de arte com criações artísticas, utilizando materiais recicláveis, com desenhos, histórias em quadrinhos, montagem de painéis, apresentações teatrais com fantoches, peças teatrais, pesquisa no lar e comunidade, mídia falada, escrita e virtual.

Estão incluídas no plano de trabalho oficinas variadas, com a participação de professores voluntários das diversas áreas do conhecimento, abrindo espaço para a interdisciplinaridade. Usando a criatividade, a construção coletiva e participativa, alunos e professores, confeccionarão uma cartilha de conservação ambiental.

Visitas acompanhadas pelos monitores do CEJAK a locais onde possam ilustrar o conteúdo das oficinas de Educação Ambiental, proporcionando a complementação dos temas estudados. O uso da internet como ferramenta para pesquisa, complementação de tarefas, fóruns e chats entre aluno/professor.

As atividades desenvolvidas serão à base da cartilha e contarão com a participação da área de jornalismo do CEJAK para a montagem do material selecionado. Ao longo do ano realizaremos trabalhos que enfocam as necessidades ambientais da comunidade, estas atividades serão selecionadas para a montagem da cartilha. Como também o aluno destaque do mês terá seu trabalho divulgado no Jornal da Zona Leste.

As oficinas de Educação Ambiental estarão interligadas com as demais oficinas que ocorrem no CEJAK, abrangendo o conteúdo socioambiental, problemas ambientais da comunidade, sociabilidade, laboratório de informática, atividades culturais.

5 Acompanhamento e avaliação

O acompanhamento e a avaliação são individuais, percebendo a mudança de atitudes ao longo das oficinas. Os resultados são anotados diariamente, em fichas individuais e depois passados no final do mês para uma tabela de acompanhamento geral da turma. Este projeto vem sendo executado na Vila Pinto desde 2007 e tem demonstrado uma mudança significativa nas atitudes dos jovens envolvidos.



1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 29 a 31 de Outubro de 2008

Positivo(+) Negativo(-)	Freqüência as oficinas	Participação atividades em grupo	Participação atividades individuais	Compor- tamento	Responsa- bilidade	Sociabilidade
Aluno x						
Aluno y						
Aluno z						

TAB.4 Acompanhamento e avaliação dos alunos:

Referências

CASCINO, Fabio. **Educação Ambiental**: princípios, história e formação de professores. 2. ed. – São Paulo,SP:ED. SENAC,2000.

FARIA, Maria F.S. (Coord.).**Meio Ambiente e sociedade**. (Sér.Estudos Contemporâneos,1).Rio de Janeiro,RJ:ED. SENAC,1995.

LAMPERT, Ernani. **Pós Modernidade e conhecimento**. Porto Alegre, RS: ED. Meridional, 2005.

MEDINA, Naná M; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação Ambiental**. Petrópolis, RJ: ED. Vozes, 2003.

SENACEAD. E-book - **Curso de Especialização em Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, RJ: ED. SENAC, 2007.

TORRES, Haroldo; COSTA, Heloisa (organizadores). **População e meio ambiente**: debates e desafios. São Paulo, SP: ED. SENAC, 2000.

SISNEA, SISTEMA DE EDUCAÇÃO E SISNAMA: inter-relações. Disponível em:<http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/sisnea_textobase.pdf> Acesso em 09 mar.2008.

Manual de projetos FEHIDRO <http://www.ambiente.sp.gov.br/destaque/020703_cplea.htm> Aceso em 10 mar. 2008.

PROJETO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE COMBATE À VIOLÊNCIA NA BAHIA<<http://www.ceasb.org.br/links.htm>> Acesso em 09 mar. de 2008.